

# RIF Entrevista

DOI - 10.5212/RIF.v.22.i48.0011

**Paola Torres: “Uma coisa que pode me descrever é o ativismo”**

**Entrevista com a médica e cordelista que usa a cultura popular  
para ensinar sobre câncer<sup>1</sup>**

**Paola Torres: “One thing that can describe me is activism”**

**Interview with the female doctor and cordelist who uses popular  
culture to teach about cancer**

**Paola Torres: “Una cosa que me puede describir es el activismo”**

**Entrevista a la médica y cordelista que utiliza la cultura popular  
para enseñar sobre el cáncer**

*Alberto Magno Perdigão<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em Fortaleza, em 29 de abril de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Políticas Públicas e Sociedade, pesquisa sobre o folheto informativo da literatura de cordel, tendo como objeto o folheto de temas da política. É autor, entre outras obras, de *Política e Literatura de Cordel* (RDS, 2022, 365 p) e *Pretas e Pretos na Literatura de Cordel* (RDS, 2023, 350 p). E-mail: aperdigão13@gmail.com.



**Foto:** Alberto Magno Perdigão

Poesia redime e dá alento,  
É remédio pra nossa imunidade,  
Pode ser medicada com vontade,  
Alivia a dor e o tormento,  
Traz para o coração contentamento.  
Pode usar, abusar, compartilhar.  
Sua utilização é salutar!  
É pra alma consolo e harmonia.  
Medicina, cordel e cantoria  
É remédio que veio pra curar.

(Paula Torres, versejando no livro *Andei por aí: narrativas de uma médica em busca da Medicina*)

A sala principal da casa tem folhetos de cordel com temáticas de saúde e feministas, arrumados num expositor de plástico transparente, como se vê nas bancas de jornal e pontos de venda de artesanato do Nordeste, ou como eu vi recentemente no Centro de Cultura Popular Mestre Noza, em Juazeiro do Norte, no Ceará. As capas trazem o nome da médica hematologista, pós-doutora, professora dos cursos de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) e da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), e integrante da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLCL) Paula Torres.

Na mesma parede, veem-se duas xilogravuras do mestre J. Borges, de Bezerros, Pernambuco, as mesmas que ilustram o livro da médica cordelista, *Andei por aí - narrativas de*

*uma médica em busca da medicina* (TORRES, 2018). No quarto ao lado, estão os tambores da cantora, compositora e instrumentista. Lembrei de guerreiros ancestrais, quase escutei a zabumba dos baiões do pernambucano-cearense Luiz Gonzaga, ritmando o arrastar do chinelo de rabicho nos salões de chão batido do sertão nordestino. O violão, a rabeca da multiartista e o gibão com que se apresenta estão guardados numa espécie de sacrário.

“Aqui funciona o Instituto Roda da Vida”, apresenta-me a casa abrindo os braços a fundadora e diretora da organização sem fins lucrativos que oferece yoga, meditação, biodança, arteterapia e grupos de leitura para pessoas com câncer. “É um espaço de acolhimento a quem está vivendo com o câncer, para quem tem o diagnóstico recente ou o medo de que o câncer retorne”, explica. “É uma grande roda. É uma ciranda de cuidado, de ajuda, de empoderamento, onde nós, os profissionais, ajudamos as pessoas e as próprias pessoas, ao serem ajudadas, ajudam outras pessoas”, completa.

Para a entrevista, sentamos entre livros que deixam ler um pouco da atuação diversa e plural da anfitriã. Um divã chique descansa no meio da sala. Um tamborete, mobília sagrada das casas do interior, quer ouvir a conversa. O encontro de perguntas e respostas flui fácil, rápido, como nas boas pelejas de cantadores. Logo vou percebendo estar diante uma brasileira que parece ter saído de um folheto da literatura de cordel. Alguém com a inteligência e a criatividade, com a resiliência e versatilidade de um João Grilo, de um Cancão de Fogo, de um Pedro Malasartes.

A primeira pergunta fiz a mim mesmo. Como arrancar a melhor fala dessa mulher tão completa e complexa, tão única e tão múltipla, alguém que pensa como pós-doutora e sente como popular. Ou seria o contrário? Alguém que vive entre as vidas e as mortes, entre a mais dura dor e a mais libertadora poesia. O jangadeiro destemido, o vaqueiro resistente e a rendeira perseverante numa pessoa só, ali, na minha frente... Nas resposta a seguir, estão alguns recortes da vida e da obra de Paola Torres, e, mais especificamente, como ela utiliza a literatura de cordel para ensinar sobre cânceres.



Foto: Alberto Magno Perdigão

**Alberto Magno Perdigão: Quem é a Paola Torres?**

**Paola Torres:** Eu sou uma professora, sou uma médica, sou cordelista, sou uma artista popular. Acho que sou uma pessoa multifacetada. Sou uma camaleoa. Dependendo do cenário onde eu estiver, eu vou vestir as minhas armas de Jorge e vou lutar. Uma coisa que pode me descrever é o ativismo. Em todos os lugares onde atuo, procuro sempre atuar politicamente. Porque eu acho que a política está indissociada do ser social. O ser humano é um ser político. Tudo que a gente faz está indissociado da política e do ativismo. Acho que estar no mundo é estar, de alguma forma, envolvido nas causas de todos.

**Alberto Magno Perdigão: Qual é a cor mais frequente nesse camaleão?**

**Paola Torres:** Vermelha, com certeza (risos).

**Alberto Magno Perdigão: Quería saber em qual dessas frentes você mais se realiza.**

**Paola Torres:** Com certeza, de artista popular. Se eu tivesse outra condição financeira, com certeza eu iria me dedicar muito mais à arte e a tudo que a arte tem para dizer e para transformar.

**Alberto Magno Perdigão: O que você faz em arte?**

**Paola Torres:** Eu sou cordelista. O cordel é, realmente, o meu forte. Acho que existe um preconceito muito grande com a literatura de cordel. Poucos escritores têm coragem de dizer que são cordelistas, porque o cordel é sempre considerado uma literatura inferior. Mas eu sou cordelista. É como eu gosto de expressar o que eu tenho que dizer. É uma força que vem da minha ancestralidade do sertão. Sou uma artista popular da área do cordel, da cantoria, da cultura popular, do maracatu, de ciranda, do baião, do xote, do xaxado, de tudo isso; dos martelos agalopados, tudo isso com poesia, com rima, métrica e oração.

**Alberto Magno Perdigão: Você é uma pernambucana de Gravatá? É uma cearense de Fortaleza? Como você se reconhece?**

**Paola Torres:** Eu sou pernamburense, porque sou metade pernambucana e metade cearense. Na verdade, eu já estou há 30 anos no Ceará. Eu já formei mais de 7 mil e 500 médicos, profissionais que passaram por mim. Acho que sou cearense pelo tempo de vida, foi o lugar onde mais vivi, tenho um filho cearense. Então é o lugar com que mais me identifico.

**Alberto Magno Perdigão: Você é uma nordestina ou uma brasileira? Tem essa separação na sua cabeça?**

**Paola Torres:** Eu sou de um lugar do sertão, sou uma sertaneja. É um lugar que é um sem-lugar e é um lugar de todos. Em todo lugar tem sertão. Tem sertão em Minas, tem sertão até no Rio Grande do Sul, em alguns lugares do Pampa. Eu sou desse lugar onde as pessoas são simples, onde a fala é singela, onde as pessoas partilham coisas; onde, talvez, sejam mais conscientes das adversidades da vida e da natureza, e, por compreenderem esta adversidade, partilham mais tudo que são e o que têm. Acho que eu sou desse lugar, o sertão, como eu entendo que o sertão seja.

**Alberto Magno Perdigão: Como foi o seu encontro com a cultura popular?**

**Paola Torres:** A coisa mais remota que eu lembro é a estante de livros do meu avô [Elias Torres], que minha mãe herdou. Dentro desta estante tinha tudo, desde a Constituição do Império do Brasil até cordéis de José Pacheco, de José Camelo. Meu avô era advogado, já não era vivo quando nasci. Meu avô era poeta, era político, era vereador da cidade dele. Meus pais também sempre gostaram muito de música, de cultura popular. Muito pequena, eu ia com o meu pai e a minha mãe de Águas Belas (PE) para São José do Egito (PE), para ver e ouvir Louro do Pajeú desafiando Pinto do Monteiro.

**Alberto Magno Perdigão: Você cresceu num lugar de efervescência da cultura popular.**

**Paola Torres:** Sim. A gente ia para a Missa do Vaqueiro. Ia para as quermesses da igreja arrematar no leilão o frango da festa. Meu pai levava cantadores para cantar lá em casa. Em Nazaré da Mata (PE), os caboclos de lança passavam pela minha casa no carnaval. Meu pai botava na frente da casa uma mesinha com [a cachaça] Pitu, caju, pitanga e limão, então eles faziam aquele bailado. Tinha as cambindas, que são um tipo de maracatu. Eu morei com meus pais em 14 cidades de Pernambuco e, em todas elas, a gente sempre estava envolvida nessas manifestações culturais.

Andei muito inda menina,  
Cada ano uma cidade.  
Sonhando com a Medicina,  
Querendo prosperidade,  
Só vim me aquietar num canto  
Quando entrei na faculdade.  
(TORRES, 2018, p. 18).

**Alberto Magno Perdigão: O que veio primeiro, a música ou a poesia?**

**Paola Torres:** Eu participei de um festival de música quando era adolescente e publiquei um livro de poesias. Mas nunca me imaginei seguindo essa carreira, escrevendo, sendo artista. Passei no vestibular e foram anos dedicados à Medicina. Até que [já como professora do curso de medicina da UFC] resolvi utilizar o cordel em sala de aula. Questões das neoplasias, dos cânceres, ensinando as pessoas do interior, então eu fui pegando gosto. Só publiquei a partir de 2016. Foi quando publiquei um livro [escrito em cordel], *Andei por aí - narrativas de uma médica em busca da medicina*, que foi minha tese de pós-doutorado.

Fui vivendo minha vida  
Como pretendo contar:  
Me formei em Medicina,  
Onde achei o meu lugar.  
No entanto minha sina  
Era também de rimar.  
(TORRES, 2018, p. 20).

**Alberto Magno Perdigão: E o camaleão vermelho? Não esqueci essa imagem.**

**Paola Torres:** (Risos) Adolescente, eu vivia na Zona da Mata Sul (PE). Foi naquela época em que o padre Vito Miracapillo<sup>3</sup> foi expulso do Brasil. Era aquele momento bem tenso, quando João Batista Figueiredo era o presidente do Brasil e se estava tentando uma abertura política. Meti-me em vários conflitos, porque eu era da Pastoral da Terra e a Teologia da Libertação era muito forte. Eu era do movimento de base da Igreja Católica, evangelizava, então eu via aquele povo sofrendo muito, a carência de médicos, então eu decidi ser médica. Porque eu vou ajudar muita gente, vou transformar a vida de muitas pessoas, pensava. E assim foi, nunca mais deixou de ser.

**Alberto Magno Perdigão: Como você usa a cultura popular na saúde?**

**Paola Torres:** Uso em sala de aula, uso para conversar com os pacientes e com a classe médica. O cordel é uma forma muito direta de se comunicar com as pessoas. O cordel tem uma beleza estética incrível. Agora mesmo, escrevi *Neoplasias Hematológicas em Cordel* (TORRES, 2023). Este livro está concorrendo ao Prêmio Jabuti Acadêmico. Este é o primeiro ano do prêmio e eu fui aceita para concorrer. De alguma forma, a gente vai forçando as fronteiras dentro da universidade, dentro da academia, a gente vai empurrando e, com isso, vai tentando ampliar essa atuação da literatura de cordel em todas as instâncias.

**Alberto Magno Perdigão: E a resposta do público?**

**Paola Torres:** Tive uma experiência fantástica, ano passado. Este livro *Neoplasias Hematológicas em Cordel* foi lançado no Congresso Brasileiro de Hematologia e Hemoterapia, o Hemo, que acontece todos os anos em São Paulo, com 3 mil a 4 mil participantes da classe

---

<sup>3</sup> Em 7 de setembro de 1980, durante a Ditadura Militar, o padre italiano da cidade de Ribeirão (Diocese de Palmares, em Pernambuco) se recusou a celebrar missas em comemoração à Independência do Brasil, motivo pelo qual foi condenado, pela chamada Lei do Estrangeiro, a ser expulso do país.

médica, enfermeiros e farmacêuticos. Eu autografei mais de 400 livros, durante quatro horas, e, depois, passei o congresso inteiro autografando livros. Essa experiência de traduzir linfoma, leucemia, mieloma numa linguagem que mesmo os médicos e os especialistas leem e se identificam, e riem, se divertem e aprendem. Isso é uma coisa maravilhosa.

Linfoma é uma doença  
Penosa de se tratar,  
Sorradeira, essa danada,  
Não se pode ignorar.  
Se o cabra descobrir logo,  
Tem chance de se curar.  
(TORRES, 2018, p. 23).

**Alberto Magno Perdigão: E com os pacientes?**

**Paola Torres:** Eu estava atendendo, no CRIO (Centro Regional Integrado de Oncologia, em Fortaleza), pacientes do SUS que vêm do interior. Chegou o seu Raimundo Gerson, com um livro, o *Andei por aí*, e disse, cheio de contentamento.: “Eu entendi esse livro todinho, nunca pensei que fosse entender o livro de uma doutora”. Quando os pacientes entendem, por exemplo [o folheto], *O Estatuto da Pessoa com Câncer* (TORRES, 2022) ou [o folheto] *A Peleja de Maria contra o Linfoma* (TORRES, 2020), ficam encantados, lendo e aprendendo. “Isso aconteceu comigo, doutora, foi desse jeito mesmo”, dizem. Eu me sinto recompensada.

**Alberto Magno Perdigão: Por que esses livros e folhetos não estão no SUS?**

**Paola Torres:** Já temos tudo no atendimento a pacientes com câncer. Falta fazer o óbvio. Falta somente um político influente que abrace isso realmente. Nós temos um ministro da Educação [Camilo Santana], que é cearense, que vem desse berço, temos o secretário da Política do Livro [do Ministério da Cultura, Fabiano Piúba], que também vem desse berço da cultura, e eu esperava que tivessem mais atenção à cultura popular.

**Alberto Magno Perdigão: O que você destacaria da sua obra?**

**Paola Torres:** A primeira obra, *Andei por aí - narrativas de uma médica em busca da medicina* (TORRES, 2018), com prefácio de Dráuzio Varella, é muito importante. É uma autoetnografia. Fala de uma menina matuta do interior de Pernambuco, que passa numa universidade pública, estuda, consegue fazer mestrado, doutorado, dessa história que se mistura com a dos meus



pacientes. Tem um segundo livro, que está sendo muito bem vendido, que é *Vamos Falar sobre Câncer?* (TORRES, 2019), em que falo do câncer como uma doença cujas mortes, a partir de 2029, segundo a OMS, vão se sobrepôr à morte dos eventos cardiovasculares.

**Alberto Magno Perdigão: O que você diz, o que você ensina?**

**Paola Torres:** Eu falo das coisas que a gente tem feito, dos agravos contra a saúde que levam ao câncer. Tem o *Essa tal Neoplasia* (TORRES, 2018), em forma de folheto, depois *Neoplasias Hematológicas em Cordel: desafios, conquistas e mistérios da hematologia*. Tem o *Leucemia sem Segredo: uma cartilha em cordel* (TORRES, 2020), com 5 mil exemplares distribuídos para o Brasil inteiro, que aborda a leucemia de uma forma bem didática para o paciente entender. Tem o *Estatuto da Pessoa com Câncer* (TORRES, 2022); *O SUS é de Todos Nós! um manifesto em cordel* (TORRES, 2023). São 17 livros e mais de 60 folhetos.

A minha causa maior -  
Ensinar sobre o linfoma -  
É preciso conhecer  
Um a um cada sintoma.  
São milhares de pessoas,  
Cada hora aumenta a soma.  
(TORRES, 2018, p. 23).

**Alberto Magno Perdigão: O que você está fazendo agora?**

**Paola Torres:** Acabei de ganhar um projeto da FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico) na área de humanidades, que é para este livro *Neoplasias Hematológicas em Cordel: desafios, conquistas e mistérios da hematologia*. Recebi o dinheiro, vou imprimir 5 mil exemplares e vou distribuir para os médicos da atenção básica. Vou dar cinco aulas-espetáculo em cinco cidades do Ceará. A ideia é trazer a cantoria para dentro das leucemias, dos linfomas e das neoplasias; chamar atenção, fazer um *imprinting* na cabeça e no coração das pessoas.

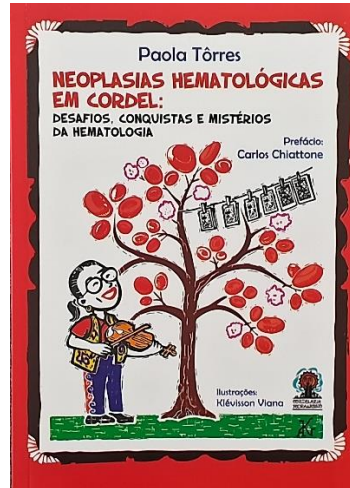
**Alberto Magno Perdigão: Isso não poderia vir a ser um piloto para outros estados, para o Ministério da Saúde ou municípios isoladamente?**

**Paola Torres:** Se eu conseguir fazer um documentário com uma equipe de cinema entrevistando pessoas, mostrando o impacto disso, o antes e o depois, acho que isso pode virar um movimento, para fazer uma grande campanha nacional de conscientização sobre o câncer.

Terminando a nossa prosa,  
Falo a vossa senhoria  
Que se pode misturar  
Medicina com poesia.  
O nome dessa ciência  
É autoetnografia.  
(TORRES, 2018, p. 26).

**Figura 1** - Imagens dos livros e folhetos de Paola Tôrres





## Referências

OLIVEIRA, Julie; TORRES, Paola. **A verdadeira história do Pavão Misterioso**. Fortaleza: Edições Cordel de Mulher, 2023.

TORRES, Paola. **Andei por aí: narrativas de uma médica em busca da medicina**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2018.

TORRES, Paola. **Essa tal Neoplasia**. Fortaleza: UFC; Instituto Roda da Vida, 2018.

TORRES, Paola. **Vamos Falar sobre Câncer?** Fortaleza: Editora IMEPH, 2019.

TORRES, Paola. **A Peleja de Maria contra o Linfoma: a saga do caroço**. Fortaleza: Edições Cordel de Mulher, 2020.

TORRES, Paola. **Leucemia sem Segredo: uma cartilha em cordel**. Fortaleza: Instituto Roda da Vida, 2020.

TORRES, Paola. **Estatuto da Pessoa com Câncer**. Fortaleza: Edições Rouxinol do Rinaré, 2022.

TORRES, Paola. **Neoplasias Hematológicas em Cordel: desafios, conquistas e mistérios da hematologia**. Fortaleza: Cordelaria Pedra do Reino, 2023.

TORRES, Paola. **O SUS é de Todos Nós!: um manifesto em cordel**. Fortaleza: Cordelaria Pedra do Reino, 2023.